

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE OLINDA

JOSÉ DE LIMA TORRES

MUSICOTERAPIA E ESPIRITUALIDADE EM CUIDADOS PALIATIVOS

OLINDA - PE

2009

JOSÉ DE LIMA TORRES

MUSICOTERAPIA E ESPIRITUALIDADE EM CUIDADOS PALIATIVOS

Monografia apresentada ao Curso de
pós-graduação da FACHO para obtenção
do título de especialista em
Musicoterapia.

Orientadora: Marly Chagas

OLINDA - PE

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

T693m

Torres, José de Lima

Musicoterapia e espiritualidade em cuidados paliativos / José de Lima Torres

---Olinda: Faculdade de Ciências Humanas de Olinda; FACHO, 2009.

41p.

Orientadora: Marly Chagas de Oliveira Pinto

1. Musicoterapia 2. Espiritualidade 3. Cuidados Paliativos

CDD: 615.837 - Musicoterapia

DEDICATÓRIA

À Música, certeza do sopro divino nas inspirações diárias;

Aos amigos e amigas do curso de Pós-Graduação em Musicoterapia, que me fizeram
experienciar novas melodias no caminho;

Aos nossos professores, de quem recebi as maiores lições de vida e harmonia;

À Congregação Redentorista, que proporcionou esta realização;

Ao Genilson, amigo dos tempos mais difíceis, mesmo no silêncio.

AGRADECIMENTOS

A Música nos fecundou
Com graça e elegância
Gentilmente nos tocou
Como a flor, bela fragrância
Com sua criatividade
Candura e serenidade
Ganhou nossa confiança

Não faz Musicoterapia
Os que não têm gentileza
Quem não cultiva a alegria
Ternura e grande firmeza
Se queremos eficácia
É preciso muita audácia
Labor constante e fineza.

Somente quem sabe amar
Faz história sem ferir
É relação sem forçar
Não pretende invadir
Isso é Musicoterapia
Recuperando a harmonia
Fazendo a vida sorrir!

Somos poucos nesse campo
Mas com autenticidade
Com a música ou o canto
Guardemos fidelidade.
Dedico este meu labor
Fecundado de amor
Aos amigos de verdade
Que marcaram minha vida
Com a espiritualidade!

EPÍGRAFE

*" Quando eu estou na presença da música,
eu ouço a voz de Deus;
Quando eu estou na presença da música,
eu vôo como um pássaro;
Quando eu estou na presença da música,
meu espírito está livre e
eu estou em paz".*

(Anônimo)

RESUMO

A Musicoterapia se utiliza dos sons e da música com objetivos terapêuticos. Para isso, deve abrir canais de comunicação e alcançar os conteúdos subjetivos do ser humano. Nesse processo, deve levar em conta que todo Homem carrega experiências marcadas pela dimensão espiritual, muito importante para alavancar a evolução da sua saúde. Música é também qualidade de vida, da mesma forma que o cultivo da espiritualidade pode trazer bem-estar, tranquilidade, paz e harmonia para a saúde física, psíquica e social. Unindo a arte da música e a espiritualidade nos cuidados paliativos, é possível preservar o paciente e sua família de muitos incômodos e sofrimento e oferecer àqueles que experimentam o “anoitecer da vida”, uma passagem tranqüila e serena, a partir das intervenções de um profissional habilitado em Musicoterapia. Musicoterapia e Espiritualidade estão unidas para dar ao paciente qualidade de vida aos seus últimos dias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1-DEFININDO ESPIRITUALIDADE	10
2-MÚSICA E ESPIRITUALIDADE	18
2.1-ESPIRITUALIDADE E MUSICOTERAPIA	19
3-MUSICOTERAPIA EM CUIDADOS PALIATIVOS	27
4-MÚSICA E ESPIRITUALIDADE: MAIS VIDA PARA O PACIENTE TERMINAL	34
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

Pacientes que chegam aos núcleos de tratamento para buscar apoio e cura para as suas enfermidades, quase sempre se deparam com uma realidade inconveniente: o atendimento não é acolhedor, a pessoa é tratada como número, sua enfermidade é apenas um diagnóstico; no processo de tratamento, pouco se leva em conta a realidade do paciente; medica-se de forma matemática; os funcionários entram e saem num piscar de olhos, sem um contato humanizador, sem a atenção que o paciente necessita enquanto pessoa. As dimensões essenciais da pessoa não são consideradas no tempo de tratamento. E, aqueles que estão esperando a sua “hora”, por causa da gravidade de sua enfermidade, raramente têm a atenção e o carinho que desejariam.

A Musicoterapia é uma disciplina que exige do profissional formado, uma atenção toda especial à pessoa que está sendo tratada. Ele deve apostar a sua energia criativa na qualidade de vida do seu cliente. Segundo Lucanne MAGILL (2008), *o musicoterapeuta é um profissional que está presente para ajudar quando alguém necessita de amor e compaixão e nós podemos colaborar muito nisto, porque somos amorosos e compassivos*¹

Nos cuidados paliativos, além dessas qualidades, o profissional deverá levar em conta a dimensão espiritual do paciente, o que é essencial para oferecer-lhe maior qualidade de vida e humanizar o ambiente de tratamento. Nosso intuito é discorrer sobre a necessidade da inclusão dos elementos espirituais para que, os últimos dias que antecedem a “partida” do paciente sejam harmonizados e bem trabalhados, não apenas por ele mas também pelos seus familiares. Para isso, o musicoterapeuta deve ter profundos conhecimentos sobre a Musicoterapia, sobre o seu paciente e desenvolver sua vida espiritual de maneira adequada.

¹ Anotações do colóquio sobre *Musicoterapia para cuidados no fim da vida: experiência de colaboração da Universidade e da comunidade*. XII Congresso Mundial de Musicoterapia, Buenos Ayres, Argentina, (2008).

1- DEFININDO ESPIRITUALIDADE

A Música é a base principal de onde brota a Musicoterapia. Ela será aqui relacionada com a espiritualidade, numa tentativa de evidenciar os benefícios de um olhar espiritual no trabalho musicoterápico.

A conceituação de espiritualidade possui um campo muito vasto, envolvendo tradições milenares diversas. Esse estudo terá como foco as bases da tradição judaico-cristã.

A palavra *espiritualidade* deriva do vocábulo hebraico *espiritual* – “Qualidade ou caráter de espiritual; progresso metódico dos valores espirituais”;² relativo ao *espírito* - que por sua vez deriva do termo “Ruah” (רוּחַ):

A palavra hebraica *ruah* significa originalmente, como também no grego πνεῦμα e o *latim spiritus*, ar em movimento, portanto, hálito ou vento. Conforme alguns, o sentido mais antigo de *ruah*, seria “vento” e o sentido de “hálito” encontrar-se-ia apenas a partir do século V a.C. Contra isso, pode-se alegar que, nos textos mais antigos, *ruah* encontra-se tanto no sentido de hálito (por ex. Gn 45,27; Jz 15,19; Miq 2,7) como no de vento (p. ex. Gn 3,8; Ex 10,13-19) e que, em linguagem poética, onde muitas vezes se conservaram concepções primitivas, o vento é descrito como o hálito das narinas de Javé (Ex 15,8; 2Sm 22,16; Sl 18,16; cf. Os 13,15; Is 30,28; Jó 4,9); por conseguinte o sentido mais antigo é antes “hálito”; o vento era considerado como o hálito de um ser muito poderoso. (BORN, 1977, p. 478)³

Aprofundando o estudo (SAMANTES ; TARNAYO-COSTA,1993)⁴, vemos que, na tradição judaico-cristã contida no Antigo Testamento, o *espírito* é *vento*,⁵ *respiração*,⁶ *espírito do homem*⁷ e *espíritos no homem*.⁸

² FERREIRA, Mini-aurélio séculoXXI. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1993.

³ BORN, A. Van Den. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Lisboa, Porto, Vozes, 1977.

⁴ DICIONÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA. Vozes: Petrópolis, 1972, pg.294.

⁵ Ibidem: “Há no vento um mistério: ora duma violência irresistível, abala as casas, os cedros, os navios em alto mar (Ez 13,13; 27,26), ora se insinua num simples murmúrio (1Rs 19,12), ora resseca com seu sopro tórrido a terra estéril (Ex 14,21; cf. Is 30, 27-33), ora asperge sobre ela a água fecunda que faz germinar a vida (1R 18,45)”.

⁶ Ibidem: “Assim como o vento sobre a terra compacta e inerte, assim o sopro da respiração, frágil e vacilante, é a força que sustém e anima o corpo e sua massa. O homem não é senhor deste sopro, embora não possa passar sem ele, e morre quando este sopro se extingue. Como o vento, mas dum modo bem mais imediato, o sopro respiratório, particularmente o do homem, vem de Deus (Gn 2,7; 6,3; Jó 33,4) e a ele volta na morte (Jó 34,14s; Ecs 12,7; Sb 15,11)”.

⁷ Ibidem: Enquanto permanece no homem, este sopro divino lhe pertence realmente, faz da sua carne inerte um ser ativo, uma alma vivente (Gn 2,7). Por outro lado, tudo que afeta essa alma, todas as impressões e emoções do homem se exprimem por sua respiração: o medo (Gn 41,8), a ira (Jz 8,3), a alegria (Gn 45,27), o orgulho altivo, tudo modifica o seu alento. O termo *ruah* é portanto a própria expressão da consciência humana, do espírito. (Sl 31,6; Lc 23,46) É ao mesmo tempo exalar seu derradeiro alento e devolver a Deus sua única riqueza, seu próprio ser”.

Os gregos usavam a palavra *pneuma* com o mesmo sentido: é o sopro que anima, dá vida, restabelece.

Pneuma: Sopro animador (...). Esse significado ainda permanece nas expressões em que espírito significa “aquilo que vivifica”. Kant usou o termo nesse sentido em sua teoria estética: “No significado estético, espírito é o princípio vivificante do sentimento. Mas aquilo com que esse princípio vivifica a alma, a matéria de que se serve, é o que confere impulso finalista a faculdade do sentimento e a insere num jogo que se alimenta e fortifica as faculdades de que resulta (ABBAGNANO, 2000 p. 354).⁹

A *espiritualidade* é aqui entendida como uma forma de sentir e enxergar o mundo, a vida e todas as coisas; é uma atitude diferenciada diante de tudo, é um estado de ser que provoca posturas ou ações criativas diante da realidade, sempre movidas por convicções e valores elaborados a partir de experiências sobrenaturais. Para melhor entendê-la, é preciso ir a fundo no entendimento que a tradição judaico-cristão desenvolveu sobre o *espírito*. Na cultura hebraica, significa mais profundamente o hálito que, brotando das entranhas de Deus, transforma as realidades por onde passa; é o sopro de vida que movimenta, cria, dá força, energia, e revigora o homem. Na Teologia cristã (Antigo Testamento - AT), o conceito de *espírito* (Ruah) é entendido como “espírito de Deus”, “expressão da potência e da ação de Deus sobre a história”, “força de atuação de Deus, seu alento fecundante, sua presença”: O Espírito é o agir de Deus para os homens, é a nova realidade que o homem (mundo) adquire quando deixa que o próprio Deus o enriqueça e o fecunde” (SAMANTES; TARNAYO-COSTA 1993, p. 234)¹⁰.

No Antigo Testamento, o primeiro relato da criação, encontramos: “No princípio Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo e um

⁸ Ibidem: A consciência do homem parece às vezes invadida por uma força estranha e não mais pertencer. Um outro a habita, e esse outro só pode ser também um espírito. Pode tratar-se duma força nefasta, a inveja (Nr 5,14-30), o ódio (Jz 9,23), a prostituição (Os 4,12), a impureza (Zc 13,2); pode ser também um espírito benfazejo de justiça (Is 28,6), de suplicação (Zc 12,10)”.

⁹ DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Nicola Abbagnano. Termo Espírito, pg. 354. Martins Fonte: São Paulo, 2000.

¹⁰ DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS SO CRISTIANISMO. Pg. 234; Dirigido por Cassiano Florestán Samanes e Juan-José Tamayo-Acosta, Paulus: São Paulo, 1993.

vento de Deus pairava sobre as águas”(Gn 1,1-2)¹¹. No segundo relato da criação, temos uma imagem mais pura do conceito de *espírito*: “Então, Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente”. (Gn 2,7).

Nessa ótica, o *espírito* é a força criadora e inexplicável que organiza o caos, cria o mundo e os seres, dá-lhes vida através do seu sopro, e os renova. É o hálito quente incontrolável e vivificante, originado nas entranhas divinas para transformar as realidades inertes. Isto remete ao conceito de *Deus-Amor* de que bebe o cristianismo: cada movimento de Deus é um ato amoroso, até mesmo a sua respiração é criadora; dele brota o Espírito e tudo é criado.¹²

Desde os tempos mais remotos, o ser humano cultivou alguma relação com as divindades, reconhecendo a existência de forças inexplicáveis capazes de criar e dar vida aos seres.

De fato, desde muito cedo os seres humanos percebem regularidades na natureza e sabem que não são causa delas; percebem também que há na natureza coisas úteis e nocivas, boas e ameaçadoras e reconhecem também que não são os criadores delas. A percepção da realidade exterior como algo independente da ação humana, de uma ordem externa e de coisas de que podemos nos apossar para o uso ou de que devemos fugir porque são destrutivas nos conduz à crença em poderes superiores ao humano e à busca de meios para comunicar-nos com eles para que sejam propícios à nossa vida humana. Nasce assim, a crença na(s) divindade(s) (CHAUI, 2003, p.252).

Mesmo os que se denominam ateus ou agnósticos, não podem ignorar que dentro de si mesmo e no universo há realidades dinâmicas, maiores que suas vontades, capazes de dar vida, equilibrar, encaminhar e os mover para os “lugares” mais diversos de si mesmo através do tempo e da história. Mesmo os que negam tal dimensão transcendental, em algum espaço de suas expressões, admitem que há mistérios que estão além da compreensão humana nos

¹¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, p 31

¹² É válida a relação do amor humano com o amor divino nessa perspectiva do Espírito que cria: a experiência de amar e ser amado, leva a uma proximidade entre os sujeitos. Isso provoca alterações fisiológicas, alterando o ritmo e pressão cardíacos, modificações emocionais que fazem suspirar; todos os sentidos são estimulados, chegando ao ouvido palavras sussurrantes e sentindo o hálito quente que sai das entranhas do outro. O ato sexual é uma das metáforas que melhor representam a força (re)criadora desse mistério chamado espiritualidade. É um ato de amor que recria a cada segundo a novidade do mistério que encanta e renova o outro ao ponto de doarem-se um ao outro esquecendo-se do tempo.

acontecimentos históricos e em todo o universo.¹³ É aí que está localizado o espaço da espiritualidade, o mundo do sagrado.¹⁴ Essa postura mínima diante de si mesmo, das coisas e da causa da criação do universo, dá-nos suficiente argumento para embasar a inferência de que todo ser humano possui uma dimensão espiritual, o “espaço” interior essencial para o contato com o transcendente.¹⁵ É o terreno pessoal que guarda os seus mistérios.

A partir desse entendimento, podemos vislumbrar que a *espiritualidade* é uma das dimensões ontológicas constitutivas de todo o ser humano, tão importante quanto as outras. Não se trata apenas da relação do Homem com uma divindade, mas também de uma relação do Homem consigo mesmo em uma atitude de contínua mudança. O ser humano, em permanente construção, necessita transformar-se em um ser melhorado. A sua ligação com a divindade se dá através da capacidade que ele tem de ligar-se a si mesmo para provocar mudanças interiores, mudanças estas que transformarão o meio em que vive.

A dimensão espiritual é uma das forças que, juntamente com outras, conduz o ser humano a sua realização enquanto ser que vive no mundo. Esta força indica que algo maior, inexplicável e misterioso conduz, orienta, fortalece, anima, motiva o indivíduo. O exercício da espiritualidade ajuda na superação de males psíquicos e até físicos. Mesmo nos tempos pós-modernos em que a ciência avançou consideravelmente, há relatos de curas ou milagres¹⁶, realidades ainda não explicadas cientificamente.

¹³ *Um filósofo moderno acha que cada homem crê necessariamente seja em Deus, seja em “ídolo”, isto é, em algum bem finito – sua nação, sua arte, no poder, no saber, no dinheiro, no “constante triunfo com mulher” – um bem que se lhe torna absoluto e que se impõe entre Deus e ele e que basta somente demonstra-lhe a qualidade relativa deste bem para “destruir” os ídolos e para o ato religioso voltar, por si mesmo, ao objeto adequado. Esta concepção supõe que o contato do homem com os bens finitos que ele “idolatra” é, em última análise, da mesma natureza que o contato com Deus e só difere quanto ao objeto.* (BUBER 2001, p. 121).

¹⁴ *O Sagrado é a experiência da presença de uma potência ou de uma força sobrenatural que habita algum ser – planta, animal, humano, coisas, ventos, águas, fogo. Essa potência é tanto um poder que pertence própria e definitivamente a um determinado ser quanto algo que ele pode possuir e perder, não ter e adquirir.* (CHAUI, 2003, p. 253); *Talvez o elemento mais marcante desta idade do mundo consista no rígido fechamento para a dimensão da graça. Talvez seja esta a única desgraça* (HEIDEGGER, 1973, p. 366).

¹⁵ “O transcendente é o ente supra-sensível. Este vale como o ente supremo no sentido da causa primeira de todos os entes. Deus é pensado como esta causa primeira” (HEIDEGGER, 1973, p.365).

¹⁶ É um acontecimento inexplicável do ponto de vista das ciências: *Sucesso que se não explica por causas naturais; caso extraordinário cuja origem, ainda que não sobrenatural, é difícil de explicar* (CALDAS, 1958).

Portanto, ao falarmos de espiritualidade, estamos tocando no terreno da subjetividade. Mas os indivíduos dos tempos pós-modernos, mais ligados às questões objetivas, não têm acesso ao fino trato das questões espirituais que lhes são inerentes. Muitos negam por completo a realidade espiritual, restringindo a espiritualidade a meras práticas religiosas. Uma pessoa que não desenvolve sua identidade espiritual, provoca em si mesma uma desarmonia interior, encontrando dificuldades na relação com os outros e consigo.

Mas a espiritualidade não pode ser confundida com práticas religiosas. Estas, são apenas um conjunto de formas pelas quais pode-se cultivar a espiritualidade, o que não garante que pessoas que participam de cultos ou liturgias, tenham sua espiritualidade desenvolvida. Assim, um indivíduo que exercita a sua espiritualidade não necessita obrigatoriamente estar inserido ou estreitamente ligado a uma determinada religião ou denominação religiosa; da mesma forma, uma religião não garante que todos os seus seguidores exercitem sua espiritualidade:

Existem pessoas espiritualizadas que nunca participaram de organizações religiosas e existem outras que frequentam regularmente serviços religiosos e não são espiritualizadas. A espiritualidade é, dessa maneira, um aspecto distinto da religiosidade e encontra-se no campo subjetivo do mundo interno e não no campo do sistema de crenças dogmáticas que pertencem às religiões (MAGALHAES 2009, p 136).

A postura atéia ou agnóstica dificulta a visão e a experiência de algumas realidades essenciais do ser humano no que tange a espiritualidade. É a tendência empirista de aceitar como existente somente aquilo que podemos tocar. As realidades espirituais permitem apostar em novos caminhos quando não se enxerga saídas no mundo empírico que dominamos, através da aceitação da existência de Deus. A espiritualidade gera uma marca benéfica importantíssima na identidade da pessoa. Portanto, quem reconhece e cultiva sua dimensão espiritual, pode considerar-se mais enriquecida e humanizada, já que poderá aprender e experienciar conteúdos importantíssimos para o enfrentamento de situações-limites (o sofrimento, a morte, o medo, a frustração...), dando um novo sentido para o

momento vivido, encontrando caminhos para a superação de seus limites. Faz-se necessário o equilíbrio entre fé e razão para que o Homem evolua para estágios superiores de sua humanidade, aceitando que tudo o que existe é mistério ainda não compreendido totalmente.

Todas as culturas possuem formas específicas de cultivo da espiritualidade. Elas permitem que cada pessoa expresse suas convicções e desejos e manifestem em ações religiosas aquilo que em sua compreensão é verdadeiro e que complementa o sentido da sua vida: a sua fé. Esta, interpela e projeta o Homem a caminhar para frente, a apostar na evolução de si mesmo, a ganhar novos rumos para a sua vida. Ter fé é arriscar-se, apostar tudo o que temos e somos. Sobre a fé, KIERKEGAARD (1968)¹⁷ afirma:

Sem risco não há fé. Fé é precisamente a contradição entre a infinita paixão da subjetividade do indivíduo e a incerteza objetiva. Se eu fosse capaz de agarrar Deus, objetivamente, eu não precisaria crer; mas exatamente porque isto me é impossível, eu tenho de crer (ALVES 1985, p. 12).

O ser humano é definido também como um ser¹⁸ de comunicação,¹⁹ por sua natureza, deseja comunicar-se a si mesmo. Assim, a dimensão espiritual é revelada através de atos que o definem como um Ser de espiritualidade exercitada ou não. O ser só transmite aquilo que ele em algum momento possui em maior ou menor grau. Enfim, a espiritualidade necessita de uma forma de expressão para que seja elaborada, exercitada e expressa. A força interior existente no Ser, deseja em todo momento ser evidenciada para que o Ser continue existindo. Do contrário ele se “nadifica”,²⁰ se extingue.

¹⁷ Apud ALVES em *Variações sobre a Vida e a Morte*, p. 188.

¹⁸ Usamos a palavra “Ser” referindo-se ao ser humano como sujeito de sua história, o Ser enquanto ele mesmo, dotado de razão, de expressão.

¹⁹ Assim como a espiritualidade, a comunicação é outra dimensão essencial do ser humano. Ele desenvolveu vários tipos de sinais para poder comunicar-se, fazendo surgir assim, vários tipos de linguagem. GADAMER (2002) afirma que (...) *o homem é o único ser que possui o logos. Ele pode pensar e falar. Poder falar significa: poder tornar visível pela sua fala, algo ausente, de tal modo que também um outro possa vê-lo. O homem pode comunicar tudo o que pensa. E mais: é somente pela capacidade de se comunicar que unicamente os homens podem pensar o comum, isto é, conceitos comuns e sobretudo aqueles conceitos comuns, pelos quais se torna possível a convivência humana sem assassinatos e homicídios, na forma de uma vida social, de uma constituição política, de uma convivência social articulada na divisão do trabalho. Isto tudo está contido no simples enunciado: o homem é um ser vivo dotado de linguagem.* (p. 173).

²⁰ O filósofo Martin Heidegger, em “Que é Metafísica”, explica em profundidade o que é o nada, como uma oposição a existência do ser (HEIDEGGER, 1973, p. 232-242).

Nos tempos pós-modernos a “nadificação” (HEIDEGGER, 1973, p 235-261) do Ser aparece como o maior gerador de anomalias, acometendo e perturbando a pessoa humana. O stress, a depressão, como também a exclusão social, a violência e toda desagregação social são consequências da desvalorização humana, da ambição exagerada e do individualismo. Isso gera na sociedade uma massa de excluídos com sentimentos de impotência: indivíduos sem o uso dos direitos básicos e essenciais para a sua sobrevivência. Surge nele o sentimento de “ser um nada”, (HEIDEGGER, ano, p. 233-242)²¹ por não ter acesso aos bens de consumo, aos lugares sociais, por viver num estado de constante violência contra a sua dignidade humana.

O exercício da espiritualidade é a garantia da recuperação do Ser ao seu “lugar” de origem, às suas raízes ontológicas. Voltar-se para entender a si mesmo é estar cômico da limitação do Ser, que só pode ser completo com o outro, o que o fará compor relações saudáveis com os demais, fazendo-se existir como Ser.

Para uma futura análise sobre a união da Música com a espiritualidade, é preciso que entendamos a espiritualidade como o cultivo da presença do espírito benfazejo, da força criadora, hálito quente originado das entranhas do Criador, uma força²² de origem inexplicável que faz existir todos os seres, fazendo-os nascer, crescer e morrer.

Podemos afirmar que a Música, no contexto terapêutico, é a arte que modela os sons com o objetivo de alcançar os espaços da subjetividade humana, capaz de comunicar conteúdos e mobilizar os espaços interiores, interferindo nos conteúdos internos, sejam afetivos, espirituais, intelectuais e emocionais. Caminhando com a espiritualidade, interfere na dinâmica do ser, sendo capaz de potencializar o poder terapêutico da Musicoterapia.

²¹ Embora o termo seja contraditório em si mesmo (pois o ser é contrário ao nada), nos referimos ao sentimento de esfacelamento do ser, que vai aos poucos se transformando em um ser de expressões selvagens, como numa volta aos hábitos primitivos, numa luta pela sobrevivência ou numa entrega total às forças de exploração do Ser.

²² “Victor Zuckerkandl diz que *toda nota é um evento* e, complementando afirma que *notas musicais são condutoras de força. Escutar música significa escutar uma ação de forças* (Zuckerkandl, 1973, p. 22, está citado em BRANDALISE 2001, p. 17).

Quando falamos em espiritualidade, nos reportamos a uma realidade ontológica da pessoa humana que pode ser cultivada a favor da sua saúde²³ integral.

A perspectiva espiritual inclui conteúdos existenciais, que, por sua vez, têm profundas implicações no bem-estar físico e psicológico. Na medida em que a pessoa se abre para a espiritualidade, há uma integração com as outras dimensões da vida, uma vez que atua como elemento integrador, por isso sua importância em relação à saúde (LEÃO 2007, p. 291).²⁴

Abrir-se à espiritualidade é como buscar água em um poço de grande profundidade: não é possível conseguir sem grandioso e constante esforço. Porém, ao cultivar (ou desenvolver) sua dimensão espiritual – seja através dos rituais religiosos, da meditação, do canto e da música – sucedem no indivíduo mudanças de humor, de sentimentos, de atitude interior que o farão avançar em sua auto-construção.

²³ *A saúde é um processo que visa a atingir o potencial máximo de integridade individual e ecológica do sujeito* (Bruscia 2000, p. 91)

²⁴ Disponível em: http://www.scamilo.edu.br/pdf/mundo_saude/53/17_Reflexoes.pdf

1- MÚSICA E ESPIRITUALIDADE

Para bem fundamentar nosso pensamento a respeito da importância da associação entre Musicoterapia e Espiritualidade, devemos expor de forma sucinta, alguns conceitos básicos de Música.

Kenneth Bruscia (2000) oferece a mais adequada definição de Música em Musicoterapia:

A música é uma instituição humana na qual os indivíduos criam significação e beleza através do som, utilizando as artes da composição, da improvisação, da apresentação e da audição. A significação e a beleza derivam-se das relações intrínsecas criadas entre os próprios sons e das relações extrínsecas criadas entre os sons e outras formas de experiência humana. Como tal, a significação e a beleza podem ser encontradas na música propriamente dita (isto é, no objeto ou produto), no ato de criar ou experimentar a música (isto é, no processo), no músico (isto é, na pessoa) e no universo (p.111).

Ainda BRUSCIA (2000), falando da “Música como experiência objetiva”, afirma:

A música consiste em sons e vibrações organizados; ela é energia e matéria auditiva em movimento. Portanto, ela possui propriedades físicas e acústicas que podem ser utilizadas com propósitos terapêuticos. Quando o terapeuta utiliza essas propriedades da música para influenciar diretamente o corpo ou o comportamento do cliente de modo observável, ou quando o terapeuta utiliza estímulos não musicais para induzir respostas musicais específicas do cliente, a dinâmica pode ser descrita como utilização da música como experiência objetiva (p. 143).

Segundo BENENZÓN (1998), a música tem grande capacidade de evocação, dependendo da experiência de sensibilização musical. Os sentimentos, sensações, recordações são despertados pelos estímulos sonoros, provocando reações importantes no indivíduo, dependendo de suas experiências, “de seu estado emocional, de suas necessidades momentâneas ou permanentes” (BENZÓN 1998, p. 184).²⁵

A Música e, portanto a linguagem não verbal, possui a capacidade de mobilizar as estruturas pessoais mais arcaicas e de induzir, em certos casos, estados de tipo regressivo. (p. 185).²⁶

²⁵ Tradução livre da língua espanhola: *O estímulo sonoro es capaz de producir en la persona reacciones impredecibles, que dependen de su historia, de su estado emocional, de sus necesidades momentâneas o permanentes*”(BENZÓN 1998).

²⁶ Tradução livre da língua espanhola: *“La música, em tanto lenguaje no verbal, posee La capacidad de movilizar las estructuras personales y de inducir, em ciertos casos, estados de tipo regresivo”*(BENZÓN 1998).

É cabível ainda a definição de Música como uma “Metáfora” (SWANWICK 2007)²⁷ da vida, aonde podemos criar e articular idéias sobre nós mesmos e sobre o mundo “em formas sonoras”.²⁸

Edgar Willems dizia que a Música mobiliza primeiramente o afeto, está ligada às emoções, mesmo porque quem a ofereceu inicialmente foram “seus pais ou pessoas a sua volta”.²⁹

Enfim, Música é a arte capaz de tocar a profundidade do ser de cada indivíduo, “mobilizar núcleos”³⁰ dos mais diversos sentimentos e emoções, possibilitando a sua expressão. É a arte que chega mais perto das verdades do homem.

A espiritualidade age, portanto, nesta perspectiva, como força invisível presente em todo ser humano, que o motiva a sonhar, construir, planejar, torcer, caminhar, mover-se “para”, criar, refazer, imaginar, projetar, inventar, pensar e transformar o mundo que o rodeia. Esta força vital renovadora, misteriosa e incalculável, associada ao poder da música - que também de forma misteriosa é capaz de transmitir energias revitalizadoras e renovadoras da vida – deve ser levada em conta em qualquer processo terapêutico, como também no tratamento musicoterápico.

2.1- ESPIRITUALIDADE E MUSICOTERAPIA

A questão de nossa pesquisa é demonstrar a estreita relação entre a espiritualidade e Musicoterapia no processo de tratamento de pessoas acometidas por graves enfermidades. Para que isso se dê, faz-se necessário que apresentemos agora, mesmo que de forma sucinta, os principais aspectos da Musicoterapia.

²⁷ Conferir no Capítulo I (p. 17-34).

²⁸ Idem p. 18

²⁹ Idem MARANHÃO, pg. 180

³⁰ Anotações em aula sobre ‘Teorias, Técnicas e Métodos em Musicoterapia’, sob a orientação da Professora Rejane Barcellos.

A Musicoterapia pode ajudar a pessoa a restaurar suas relações com o outro, consigo e com a natureza. Resumidamente, ela *pode ser definida como qualquer método de tratamento das desordens psicológicas ou corporais através da música* (COSTA 1989, p. 49).

A *World Federation of Music Therapy* define a Musicoterapia como

a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, a fim de atender às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e restabelecer funções do indivíduo para que ele/a possa alcançar uma melhor integração intra e interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida pela prevenção, reabilitação ou tratamento".³¹

Como é exigido, a musicoterapia usa todos os tipos de sons³² como base para o seu trabalho musicoterapêutico. Eles, em forma de música ou ruídos, com a orientação de um musicoterapeuta, irão mobilizar as estruturas internas do paciente, tocando em seus diversos campos ontológicos. É a partir desta ação dos sons que o ser humano vai reagir, expressando seus conteúdos interiores.

Um som pode produzir uma resposta motriz: andar, correr, marchar, dançar, ou uma resposta emotiva: chorar, rir, emoções, ou uma resposta orgânica: rubor, secreções diversas, descontração, ou uma resposta de comunicação através da própria expressão sonora ou de alguma expressão de contexto não-verbal (...) (BENZON 1998, p. 23).

Cada música ou som que o paciente traz, é analisado de acordo com os seus elementos e características: timbre, altura, duração, ritmo, intensidade, harmonia, melodia, etc. A Música produz no ser humano *efeitos bio-psíquicos-sociais*³³ (BARANOW 1999, p.19-24).

O som, o ritmo, e o movimento são capazes de agir sobre o físico e o psíquico com efeitos registrados cientificamente através de pesquisas

³¹ ASSOCIAÇÃO DE MUSICOTERAPIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. disponível até 12/11/2009 em: <http://www.amtrj.com.br/musicoterapia.shtml>

³² A Musicoterapia utiliza sons e movimentos como forças desencadeadoras de transformações em acontecimentos sonoro-musicais, durante as sessões que compõem o processo musicoterápico e, uma sessão de musicoterapia, no momento de um atendimento, é um território em potencial para o aparecimento de sons e movimentos inusitados (MARANHÃO, 2007, p. 35).

³³ Tema do sexto capítulo da obra *Musicoterapia: uma Visão Geral*.

realizadas em várias regiões do mundo, facilitados pelos avanços tecnológicos dos últimos tempos (idem, p. 19).

Os elementos que compõem a música podem produzir na pessoa efeitos fisiológicos e psíquicos fazendo-a *se expressar perante os sons e músicas apresentados ou executados que podem alterar seu comportamento e modos de interação com o mundo que o cerca* (idem).³⁴

Para BENENZON (1998), todo ser humano possui sua identidade sonora (ISO)³⁵. Desde o ventre materno, ele percebe os sons originados no corpo da mãe e os externos, que vão se somando a outros e ficam gravados no seu inconsciente, formando sua identidade sonora.

As técnicas³⁶ empregadas na aplicação da musicoterapia são a chave para o progresso do paciente. BARANOW(1999) apresenta as principais técnicas usadas nas sessões de Musicoterapia: *recriação musical, improvisação livre ou orientada, audição musical, composição musical (de Bruscia), músico-verbal (Millecco), Voz e Canto (di Franco), Vibroacústica (Skile), Associação livre cantada (Austin)* e outras como *construção de instrumentos musicais, dramatização sonoro-musical, projeção instrumental das dinâmicas interpessoais* e etc. (p. 38).

Aliada às técnicas estão a criatividade, a escuta e a formação permanente do profissional da Musicoterapia, elas darão consistência ao processo terapêutico. Tal processo tem uma característica incomum em relação a outros tipos de terapias: a experiência do

³⁴ BARANOW apresenta duas tabelas de *aplicações biomédicas e psicossociais* que a música é capaz de produzir, além de outras pesquisas da área (p. 20-22).

³⁵ É um conceito totalmente dinâmico que resume a noção de existência de um som, ou um conjunto de sons, ou o de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano. Esse conjunto de movimento-som condensa os arquétipos sonoros herdados onto e filogeneticamente evolutivamente se lhe agregam as vivências sonoro-vibratórias e de movimento durante a vida intra-uterina, no período gestacional. Mais tarde se enriquece com as experiências vividas durante o parto, nascimento e durante todo o tempo da vida. (p. 34).

³⁶ BRUSCIA (1987), apresenta nove técnicas clínicas empregadas na Musicoterapia: Técnicas de Empatia, técnicas Estruturantes, Técnicas de Intimidade, Técnicas de Mobilização, Técnicas de Redirecionamento, Técnicas Processivas, Técnicas de Exploração Emocional, Técnicas referenciais e Técnicas de Discussão.

prazer³⁷ que brota da experiência musical: o *setting musicoterápico* é potencialmente repleto de fecundas experiências musicais prazerosas que permitem o profissional acessar os conteúdos internos do paciente de uma forma não invasiva.

Isso só pode acontecer por que

Um dos principais aspectos facilitadores e base de sustentação da musicoterapia é a possibilidade do trabalho não-verbal, da comunicação através de outras formas que não a linguagem falada. Essa modalidade terapêutica permite estabelecer canais de comunicação mesmo quando a fala não tem significado lógico para os ouvintes: autistas, catatônicos, deficientes mentais profundos, estados de coma, etc. (BARANOW 1999, p. 32).

Através do contato com os sons da Música, acontece a mobilização das realidades subjetivas: *“como seres criativos podemos utilizá-los para criar algo onde antes, como fruto da relação, nada havia”* (BRANDALISE 2001, p. 22). A mobilização dos conteúdos subjetivos pode acontecer também em outros espaços experienciais do ser humano. Os cultos religiosos, as sessões de meditação, as terapias complementares, a apreciação de obras de arte, podem ser capazes de aflorar na pessoa emoções, sentimentos e atitudes até então não experimentados.

Bruscia (2000), ao falar sobre as “práticas de cura” em Musicoterapia, cita a “cura pela música” como *a utilização de experiências musicais e das formas de energia universal que lhe são inerentes para curar a mente, o corpo e o espírito*. (p. 215). Diferente da “cura pelo som”³⁸ poderá acontecer *fora de um setting terapêutico e da relação cliente-terapeuta e, ainda assim, ser eficaz* (p. 216). Isto nos remete aos diversos estilos musicais, especialmente aqueles em que a música é utilizada associada à espiritualidade.

Dessa forma, é importante citar aqui o valor da música Gospel³⁹ nesse olhar espiritual. Como nunca, este estilo musical é acessível ao público em geral e está presente

³⁷ “O prazer como terapia” é um tema essencial na Musicoterapia, refletido por COSTA em *O Despertar para o Outro: Musicoterapia*. (p.73-77).

³⁸ *A cura pelo som é a atualização de frequências vibratórias ou de sons combinados com a música ou qualquer de seus elementos (isto é, ritmo, melodia e harmonia) para induzir a cura*. (p. 212).

³⁹ Entendemos que a atual música Gospel brasileira não tem as mesmas características da música Gospel americana. A primeira trata-se da música da mídia, criada para o mercado fonográfico, embora seja usada nos cultos; a segunda é a música da raiz negra norte-americana, com sua riqueza cultural e espiritual, executada nos cultos religiosos.

em todos os meios sociais. Para dar alento contra o sofrimento, a angústia, o medo ou a solidão, a música Gospel traz palavras de esperança inseridas numa melodia de fácil execução e de grande beleza. É o que podemos perceber na música *Faz um Milagre em Mim*, de Regis Danese e Gabriela:⁴⁰

Como Zaqueu, quero subir
O mais alto que eu puder
Só pra te ver, olhar para ti
E chamar sua atenção para mim
Eu preciso de ti Senhor , eu preciso de ti oh! Pai
Sou pequeno demais, me dá a tua Paz
Largo tudo pra te seguir

Entra na minha casa, entra na minha vida
Mexe com minha estrutura
Sara todas as feridas
Me ensina a ter santidade
Quero amar somente a ti
Porque o Senhor é o meu Bem Maior
Faz um milagre em mim.

A música supracitada fala do desejo de superar as dificuldades e mudar de vida a exemplo de um personagem bíblico chamado Zaqueu.⁴¹ Cobrador de impostos, era odiado pelos cidadãos do Império Romano porque cobrava além do que devia, embolsando muito dinheiro. Através de um encontro com Jesus, transformou os seus valores, optou por humanizar-se mais nas relações sociais restituindo ao outro o que tinha sido adquirido por trabalho desonesto. A música canta a vida de quem necessita rever suas atitudes e, mesmo que sinta a impossibilidade de mudar, deseja que aconteça um milagre.

A música *Como Zaqueu* possui dois versos. A estrofe expressa um desejo de buscar uma mudança na realidade interior e exterior. Trata-se da imagem de um homem movido por uma força transformadora que o leva a rever seus valores, caminhar em outra direção e

⁴⁰ Conferir: <http://letras.terra.com.br/regis-danese/1401252/>

⁴¹ O relato bíblico do Evangelho de Lucas 19,1-10: “1E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade. 2Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. 3Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. 4Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali. 5Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”. 6Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. 7À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa de um pecador!” 8Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”. 9Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. 10 Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (BÍBLIA DE JERUSALÉM).

restituir as pessoas que defraudou; a música dá voz a quem se sente caído no chão da massificação para expressar o desejo de “subir” e enxergar outros possíveis caminhos de recuperação da dignidade. Ver, “olhar para ti”, indica o contato com a fonte da energia necessária para a mudança e “chamar sua atenção” conectando-se a ela; a criatura sente-se dependente do Criador ao dizer que é “pequeno” e dele necessita.

O segundo verso é uma metáfora de uma profunda declaração de amor: uma pessoa só pode deixar entrar sua “casa”, sua “vida” e a “estrutura” de si mesmo a quem conhece com intimidade, a quem cuida bem daquilo que recebe. Quem ama, cuida, protege (cura as “feridas”). Ter a “santidade” é ser identificado como parte do grupo dos que fizeram a experiência da reconstituição, da transformação, da redenção. O “bem maior” de quem cultiva a espiritualidade é seu Criador que, pela fé, tem o poder de fazer coisas impossíveis aos olhos humanos (milagre). O salto no escuro que a fé propõe é confiar nas forças extra-humanas que poderão dar um novo salto qualitativo a qualquer realidade de desequilíbrio físico ou psíquico. Está implícita a mensagem de que somente Deus ama de tal forma o ser humano que pode recuperar todas as dimensões de sua vida. Por isso o pedido: *faz um milagre em mim...!*

Não menos significativo é o canto dos negros norte-americanos como resistência a escravidão. O estilo chamado *Negro-spiritual* é um exemplo claro da transformação das pessoas. Sua origem deu-se na situação de escravidão em que se encontravam os negros capturados na África e que eram vendidos para trabalhos forçados. Esse tipo de canto de resistência é fundamentado na fé e na esperança. Executados em cultos de várias denominações religiosas cristãs, este estilo musical contagia os ouvintes e os fazem dele participar com profundidade. Em algumas igrejas, os cultos têm momentos de verdadeiros êxtases, transmitindo a toda a assembléia a mesma energia de alegria e espiritualidade. O corpo inteiro canta, expressando ritmo, numa coreografia alegre e frenética. É um espetáculo em que platéia e palco se confundem num mesmo movimento. A improvisação é fruto da

inspiração divina, a dança e a música, o canto e o choro, fazem parte da identidade do *negro spiritual*.

Assim como a sequência de acontecimentos num espetáculo de música gospel vai subindo como que em um espiral, sistematicamente, dos instrumentos baixos para os altos, as variáveis de vestuário, movimento corporal e oração contribuem todas elas para a experiência religiosa culminante daquilo que os negros chamam de “jubilar” ou “ficar feliz”. (BURNIM, 1989, p. 59).

Podemos afirmar que Espiritualidade e Música formam um poderoso aliado em qualquer processo terapêutico. Na pós-modernidade, a ciência avança e as descobertas antropológicas apontam para a necessidade da busca pela felicidade de cada pessoa a partir de sua subjetividade. A realização do ser humano começa a partir daquilo que ele é, havendo a necessidade de auto-conhecimento. Para isso, ele deverá entrar em contato com suas questões mais íntimas e buscar respostas em suas crenças, valores e ideais, como também nas instituições criadas para tal. A Música, a exemplo do estilo Gospel, poderá ser a “mina de ouro” que ajudará no cultivo da dimensão espiritual, enriquecendo-o na construção de si mesmo.

A dimensão espiritual trata do sentido da vida, das motivações da existência do Homem. Dessa forma, o trato com os conteúdos internos do cliente exige, inexoravelmente, que se leve em conta a forma como ele se relaciona com o mundo dos mistérios espirituais. Impreterivelmente em algum momento do processo terapêutico faz-se necessário tocar no campo da fé, mesmo que de forma imperceptível. Ao sair do *setting* transformado, motivado para (re)fazer os seus caminhos, a experiência musicoterápica há tocado em pontos essenciais de sua existência.⁴² E isso significa que, de uma forma velada, as vias da espiritualidade também foram trabalhadas.

Enfim, para que haja uma evolução no tratamento musicoterápico, é muito importante que o cliente, como também o terapeuta, tenham uma postura de confiança diante

⁴² “A dimensão espiritual invoca sentimentos que demonstram a existência do amor, da fé, da esperança, da confiança, do deslumbramento e das inspirações; dos quais decorrem o significado e a razão para a existência” (Narayasamy, apud LEÃO 2007).

do processo que se faz. Isto está no campo do invisível, é preciso confiar, sentir-se seguro e firme e entregar-se aos caminhos misteriosos e incertos do desconhecido que promete um bem maior. Entramos assim, no terreno da fé, que é uma atitude diante da vida que leva uma pessoa a acreditar em realidades não existentes no nível empírico, mas que está presente em grande parte do processo terapêutico. Os sujeitos envolvidos na terapia não poderão ver empiricamente a saúde e o bem-estar enquanto tais, mas poderão perceber as forças e energias do cliente sendo equilibradas através das suas expressões. A fé é fruto do cultivo da espiritualidade, que motiva e engrandece o cliente, fazendo-o superar seus limites.

A Espiritualidade será a aliada fiel da Música em qualquer processo de adentramento no mundo da subjetividade humana.

2- MUSICOTERAPIA EM CUIDADOS PALIATIVOS

Nossa pesquisa direciona o seu olhar para os cuidados paliativos aplicados em pessoas que estão experimentando os momentos finais de sua existência. É a experiência-limite de finitude ou morte.

A Medicina oferece tratamentos eficazes contra a maioria das patologias, podendo, algumas vezes, salvar o paciente da morte; outros tratamentos não conseguem responder suficientemente e reverter o quadro clínico, mas possibilita que ele tenha mais vida com mais qualidade. Quando o paciente traz um diagnóstico desfavorável à recuperação do equilíbrio de suas forças através de quaisquer tratamentos, resta ainda um último caminho: os cuidados paliativos. Eles não irão curar o paciente, mas darão um novo alento e poderão oferecer-lhe mais dias de vida ou mais vida aos seus dias. A Medicina conseguiu alongar mais a vida das pessoas oferecendo também uma melhor qualidade de vida e de morte.

O paciente em fase terminal necessita de apoio e presença de pessoas queridas para poder aceitar sua condição humana, harmonizar suas relações e entregar-se inteiramente a viagem que fará, fazendo-se ausente corporalmente neste mundo. Já que não é possível evitar a morte, faz-se necessário que os familiares do paciente como seus cuidadores, cuidem para que o fim inevitável (a morte) aconteça com uma “boa qualidade de morte”. Os cuidados paliativos serão necessários nesse processo. Qual a importância da Musicoterapia nesse trabalho? Em que a Espiritualidade poderá ajudar?

Quando o tratamento do paciente torna-se ineficaz e/ou quando inicia-se a fase em que há uma *exaustão de todas as alternativas terapêuticas* (BRANDÃO 2006, apud COURY), inicia-se aí a fase que chamamos de *final de vida*. (COURY 2008). É nesse estágio de tratamento que se fazem necessários os cuidados paliativos. Nesse momento, *a ênfase é a qualidade e não a quantidade de vida* (COURY 2008, p. 16). Faz parte integrante

dos cuidados paliativos *o direito do paciente morrer com dignidade* (SILVA e HORTALE 2006, apud COURY, p. 16).

SUSAKI et all (2006), apresentam o conceito de cuidados paliativos adotado pela Organização Mundial da Saúde como

uma abordagem que aprimora a qualidade de vida, dos pacientes e familiares, que enfrentam problemas associados com doenças ameaçadoras de vida, através da preservação e alívio do sofrimento por meio da identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor e de outros problemas de ordem física, psicossocial e espiritual. A definição da OMS explicita também que os cuidados paliativos: afirmam a vida e encaram o morrer como um processo normal; não apressam a morte; procuram aliviar a dor e outros sintomas desconfortáveis; integram os aspectos psicossocial e espiritual nos cuidados do paciente; oferecem um sistema de apoio para ajudar a família a lidar durante a doença do paciente e no processo do luto.⁴³

É importante lembrar que os cuidados paliativos não são aplicados apenas aos pacientes que estão à beira da morte, mas também a quaisquer pessoas que necessitam de alívio às suas dores, enquanto as causas delas não são detectadas e tratadas.

O objetivo principal dos cuidados paliativos voltados a pessoas que vivem os momentos finais da vida, deve ser a *boa qualidade de morte*, isto é, oferecer condições para que o paciente possa morrer com dignidade. Esses cuidados especiais devem ser proporcionados por uma pessoa preparada. É aqui que entra a Musicoterapia e a Espiritualidade: o musicoterapeuta, munido de conhecimentos profundos sobre a sua área de atuação, com grande capacidade de ouvir e, movido pela solidariedade, sabendo da importância da espiritualidade naquele contexto específico, faz suas intervenções para ajudar o paciente e sua família a fazerem uma das experiências mais belas da vida: a experiência da morte.

O musicoterapeuta faz o papel do cuidador, que é a pessoa que apóia integralmente o paciente e sua família, *baseado em três pilares principais: da presença, escuta e confiança, sendo que um pilar é indispensável para a existência do outro.*(MAGALHÃES, 2009, p.

⁴³⁴³ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n2/a04v19n2.pdf> Acessado em 04/12/2009. Apud PESSINI, L. Cuidados paliativos: alguns aspectos conceituais, biográficos e éticos. Revista Práticas Hospitalares. 2005; 41 (7): 107-12; PESSINI, L. A filosofia dos cuidados paliativos: uma resposta diante da obstinação terapêutica. O Mundo da Saúde. 2003; 27 (1): 15-31.

136). Dessa forma o musicoterapeuta deve avaliar o cultivo de sua *saúde espiritual*⁴⁴ para que o serviço oferecido ao seu paciente seja de qualidade, através de um encontro autêntico. Para cuidar do outro é preciso um processo aprofundado de autoconhecimento e de cuidado de si mesmo.

O musicoterapeuta como cuidador em cuidados paliativos, deve ser uma pessoa que faça a diferença, sua presença deve valorizar o outro, fazendo-o sentir-se seguro em sua companhia, pois, como afirma Magalhães (2009),

o cumprimento do dever de cuidar nem sempre é suficiente. É necessário que a presença não se limite ao estar junto, mas tenha a densidade e autenticidade do ser. A postura do musicoterapeuta deve ser ativa e criativa, o que requer uma valorização dialógica do outro, nomeando-o, escutando-o e permitindo que ele se manifeste. Respeitar o outro incondicionalmente na sua liberdade, dignidade e diferença é fundamental e de grande importância no processo terapêutico. (Idem p. 137).

O trabalho de um musicoterapeuta também tem os seus limites. Em cuidados paliativos exige uma “distância confortável” da problemática do paciente e de seus familiares. Como o profissional é levado a sensibilizar-se com a situação de fragilidade do seu paciente e a estar vulnerável às tensões emocionais, às expressões de dor e desespero, ao processo de definhamento da saúde, tal situação pode levá-lo ao estágio de *burnout*⁴⁵ (que na língua inglesa significa *queimar-se, apagar-se, extinguir-se*). Cuidar do outro na experiência e intensidade de sua finitude exige a sabedoria que garante discernir entre o que é do paciente e o que é do cuidador. O musicoterapeuta há de reconhecer os seus limites.

⁴⁴ MAGALHÃES (2009) afirma que *o ser humano é constituído por quatro dimensões: física, mental, social e espiritual* (p. 136). Portanto, cuidar da saúde da pessoa, inclui também cuidar da sua espiritualidade.

⁴⁵ BRUSCIA (1998) comenta sobre a definição do termo: *O burnout é uma reação que aparece em vários níveis, envolvendo muitos sentimentos, atitudes, crenças e comportamentos interdependentes. Num nível mais óbvio, o terapeuta começa a se sentir cansado, imotivado e pessimista com relação ao trabalho. Ele pode mesmo começar a odiar o trabalho e desenvolver problemas reais de frequência, pontualidade e tempo. Usualmente, esta perda de energia e motivação é acompanhada por sérias dúvidas sobre os clientes, suas habilidades ou desejo de melhorar, a eficácia da musicoterapia ou sobre as próprias habilidades como terapeuta.*

O terapeuta pode começar a sentir que não há esperança para os clientes, que eles nunca se desenvolverão, que eles não têm recursos para melhorar, que eles realmente não querem ficar melhor, ou que eles não querem ou não necessitam de musicoterapia. A forma de os musicoterapeutas se relacionarem com os clientes começa a mudar de acordo com o seu nível de conforto. Ao mesmo tempo, o musicoterapeuta começa a questionar se a musicoterapia é eficaz para esses clientes e, mais do que isto, se a musicoterapia realmente funciona. Mais intimamente, ele questiona se ele tem competência como terapeuta e, particularmente, como musicoterapeuta, para fazer este tipo de trabalho (Traduzido por Lia Rejane Mendes Barcellos).

A morte é uma realidade desconhecida que atormenta o Homem desde o início de sua existência. Na verdade, a partir do nascimento, começa-se a contagem regressiva para a morte. Ele sempre lutou contra ela através dos ritos mágicos, das orações aos deuses e das técnicas medicinais.

A morte é uma experiência universal e inevitável e que está presente na condição humana e de todos os seres vivos. Mas, através de intervenções ela pode ser antecipada ou adiada. A morte é um tema sempre atual e de grandes discussões nos meios científicos. Entre elas está a questão de quando uma pessoa deve ser considerada morta.⁴⁶ BLANK (1998) aprofunda mais a questão ao tratar sobre “as etapas do processo de morrer” (p. 17). No contexto biológico, ela acontece como consequência da inoperância dos mecanismos físicos e biológicos vitais do ser humano.

Segundo a Enciclopédia Barsa (1979), a morte é a uma

ruptura do equilíbrio biológico e físico-químico indispensável a manutenção da vida. O corpo inerte sofre ações de natureza física, química e microbiana, que determinam os fenômenos cadavéricos ou abióticos. Entre esses fenômenos encontram-se: 1) esfriamento; desidratação; 3) livores e hipostasias viscerais; 4) rigidez; 5) espasmos (p. 334).

Desde que o homem começou a existir, ele se preocupou com a morte e o pós-morte.

O homem do Paleolítico que, numa caverna da época glacial, juntava seis crânios de ursos na direção exata do pôr-do-sol em cima de um túmulo; os livros dos mortos do Tibete; o culto aos mortos no Egito antigo; e, por fim, os funerais solenes numa igreja cristã. Todos esses temas denotam a preocupação do homem com a questão da vida após a morte (BLANK, p. 9).

SUSAKI, et all (2006), fizeram um estudo para *identificar as cinco fases do processo de morrer, descritas por Elizabeth Kübler-Ross nos pacientes sob seus cuidados e que se*

⁴⁶ GOGLIANO (SD) cita três critérios da medicina para responder a questão: “Considerando que a morte é um processo lento e gradual, distingue-se a morte clínica (paralisação da função cardíaca e da respiratória) da morte biológica (destruição celular) e da morte inicialmente conhecida como cerebral e hoje caracterizada como encefálica, a qual resulta na paralisação das funções cerebrais. A morte clínica pode, em face dos avanços tecnológicos da medicina, desaparecer com os processos de reanimação, permitindo, assim, manter a vida vegetativa, mesmo após a superveniência da morte cerebral. A morte, antes identificada como a cessação da atividade espontânea da função cardíaca e respiratória, com a paralisação circulatória irreversível, passou a ser determinada com a paralisação das funções cerebrais.” (Disponível em: <http://www.portalmédico.org.br/revista/bio2v1/pacienterm.html>)

*encontram fora de possibilidades terapêuticas.*⁴⁷ Em síntese, o paciente, ao receber a notícia de que sua doença não tem cura, passa por cinco estágios: a *negação* (“defesa temporária”, suspeita que os exames foram trocados, desconfia da qualificação dos profissionais, não acredita que está acontecendo com ele); a *raiva* (sentimentos de revolta e ira, *torna-se mais difícil de lidar com o paciente, pois a raiva se propaga em todas as direções, projetando-se no ambiente, muitas vezes sem razões plausíveis*); a *barganha* (faz promessas a Deus para que sua dor seja aliviada ou sua doença seja curada, oferecendo-lhe algo em troca); a *depressão* (*as dificuldades de tratamento e hospitalização prolongados aumentam a tristeza que, aliada a outros sentimentos, ocasionam a depressão*) e *aceitação* (o paciente aceita a sua condição de paciente terminal, espera a sua hora em paz, enquanto a família precisa ser ajudada. Nem todos os pacientes conseguem chegar a esse estágio).

O nosso tema especifica os cuidados paliativos na experiência de dor e certeza da morte. A informação de que não há cura para a doença do paciente e que ele deverá morrer em um pequeno limite de tempo, o leva a entrar em uma profunda reflexão sobre as realidades da vida e da morte.

No momento em que o paciente toma ciência da incurabilidade da patologia que carrega, ele entra em contato com questões fundamentais de sua vida. A certeza da morte iminente traz o sentimento de medo⁴⁸ e o desespero pela proximidade da maior tragédia que é a morte. Ele entra num processo de reflexão sobre a continuidade ou não da própria existência: O que é morrer? O que há após a morte? Para onde vão os mortos? A morte é o fim da existência humana ou há algo mais além da finitude? Teria razão a religião ao afirmar a existência de Deus?⁴⁹ Se Deus existe, como Ele me receberá? O que pude viver em vida? O que faria se tivesse mais uma chance? Essas e outras questões fazem parte de uma das

⁴⁷ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n2/a04v19n2.pdf> Acesso em 04/12/2009.

⁴⁸ Em sua obra *Esperança que Vence o temor*, BLANK (1995) apresenta pesquisas que indicam que o discurso religioso traz uma mensagem que inspira *mais medo do que esperança e confiança* nos cristãos (p. 19-26).

⁴⁹ Numa oração que Rubem ALVES rezava quando criança, diz ter aprendido duas verdades: *Primeira, que a gente morre. Segunda, que depois da morte está Deus. Deus é aquilo que se encontra quando a vida acaba* (Revista tempo e Presença, p. 34, SD, mimeo).

fases do processo de morrer. Esse estágio deve ser bem acompanhado pelos cuidadores que devem saber detectar os estágios do processo de elaboração da morte e fazer as devidas interferências. Esse é o momento que o ser humano mais deseja e necessita de companhia e solidariedade.

Um dos fatores que pode aumentar no paciente o medo da morte é o seu conteúdo religioso adquirido especialmente o conceito sobre Deus,⁵⁰ céu, inferno, purgatório, juízo final. Assim, a pesquisa sobre a identidade sonora do paciente deverá trazer à tona, músicas e sons que ajudem a refazer tais conceitos e melhorar seus sentimentos em relação às realidades metafísicas.⁵¹

Nesse momento de fragilidade, surgem no paciente alguns questionamentos de ordem subjetiva que se transformam em desafios importantes ao cuidador. Este, não deve procurar respondê-las mas poderá conduzir o doente a ressignificação do conteúdo que traz.

Porque morremos? Qual o sentido da vida se depois de tudo a gente morre? Ressignificar o sentido da morte é essencial para o paciente que sabe que o seu fim é iminente. Dessa forma, o profissional cuidador deve entender que é normal que seu cliente tenha medo de morrer e deve oferecer elementos que levem a entender a morte como um processo normal da existência humana, como *transformação do ser* de um estágio da vida para o outro. Para isso, o uso de instrumentos associativos como parábolas, poesias, músicas e contos, ajudam nesse processo.⁵²

⁵⁰ Céu, inferno, purgatório, juízo final: cf BLANK 1995, p.49-68.

⁵¹ Alguns conteúdos musicais reforçam a idéia de um Deus imperador do cosmo, julgador, distante, ameaçador, exigente, punitivo, inimigo da sexualidade humana, pronto a mandar o Homem para algo parecido com uma *churrasqueira humana* (o inferno). As músicas apropriadas para esse processo devem trazer o alento de um Deus próximo do ser humano, amigo, solidário nas limitações, *bom pastor*, que recupera o que foi perdido e acolhe, ama, sorri, abraça e perdoa.

⁵² Um bom exemplo é a metáfora que faz a relação da morte com a transformação da lagarta em borboleta: A lagarta é um ser rastejante, considerado uma praga porque arrasa as lavouras, sobrevive das plantas e locomove-se muito lentamente. No tempo certo, marcado pelo seu relógio biológico, inicia-se o processo de transformação: ela se transforma em casulo e, num dado momento, se esforça para sair dele. Ao conseguir, não é mais o mesmo ser de antes, mas consegue voar para lugares nunca vistos com maior rapidez; sua aparência é bela, colorida, alegre. Agora, pousa nas flores, embeleza a natureza, dá mais poesia ao ambiente em que vive. Tudo isso só acontece após um longo processo de metamorfose. Sem isso, não haverá libertação, novos vãos, conhecimento de outros mundos. *Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses* (Disponível em: http://www.pensador.info/autor/Rubem_Alves/) Acessado em 05/12/09.

Outro tema especial recorrente é a essencialidade da vida. O que é essencial a vida do ser humano? *O essencial é aquilo que, se nos fosse roubado, morreríamos.*⁵³ Nesse instante da vida, o paciente tende a se desvencilhar de todas as preocupações referentes aos bens materiais e centra sua atenção nas relações familiares e nas amizades, nos sentimentos de união, fraternidade, misericórdia, justiça, perdão. Talvez o paciente esteja vivendo a única e última experiência essencial de relação com a família e com os amigos. O coração do musicoterapeuta deve estar antenado para apoiar e ajudar a conduzir com harmonia o essencial que, segundo Saint Exupéry, *só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos* (SAINT-EXUPÉRY, 1996, p. 72).

Quando acontece o contrato terapêutico entre os familiares e o musicoterapeuta, o foco do processo a ser trabalhado é o paciente. Mas, é quase inevitável que o tratamento seja estendido também aos seus familiares e pessoas próximas, mesmo que imperceptivelmente pois eles também são atingidos e interferem em sua saúde. O momento ápice de sensibilização, de dor e sofrimento é justamente este, do qual o profissional deverá prestar sua solidariedade e colocar-se como testemunha daquilo que experienciou durante o seu trabalho. Estando ou não o musicoterapeuta presente, o processo não termina com a morte do seu cliente, ele deve se estender por algum tempo (o que considerar necessário), pois seu trabalho envolveu e beneficiou a todos os que acompanhavam o moribundo.

⁵³ Extraído do texto “As Coisas Essenciais”, da revista “Tempo e Presença. Mimeo, p. 64

3- MÚSICA E ESPIRITUALIDADE: MAIS VIDA PARA O PACIENTE TERMINAL

Consideremos agora as duas grandes forças, da Música e da Espiritualidade, atuando sob a regência de um profissional da Musicoterapia, em uma pessoa que espera a execução da sua sentença final: a morte. Mas não é a imagem de um tribunal expressando sentenças de morte que a Musicoterapia, unida a espiritualidade, deverá expressar ao tratar de um paciente que vive os seus últimos dias de vida. Pelo contrário deve transformar tal imagem para uma paisagem de tranquilidade, de normalidade diante da bela realidade da morte.

Quando a pessoa sente que está chegando os momentos finais de sua vida, o paciente e seus familiares sentem-se num momento crucial ao se depararem com a seguinte questão: como enfrentar a vida depois da morte de uma pessoa querida? Ou, como separar-se daqueles que tanto amo? Há lamentação pelas perdas, pela separação das pessoas queridas; aparecem mais fortemente as questões subjetivas e existenciais.

O paciente sente mais fortemente a necessidade da espiritualidade, pois é nesse momento que ele se depara com questionamentos que talvez nunca tenha tido contato com tanta intensidade: porque estou assim? O que sou eu? Porque eu? (FACHNER, 2008).⁵⁴

Segundo BRUSCIA (2000, p. 143), a Música tem a propriedade de *influenciar diretamente o corpo o comportamento do cliente de modo observável*. A espiritualidade, como dissemos antes, *provoca posturas ou ações criativas diante da realidade*, pois ela parte do entendimento de que há um ser superior capaz de ser solidário com as pessoas que passam por momentos de dores e sofrimentos. O mundo do sagrado, o mistério que envolve as realidades metafísicas deve ser experienciado pelo cliente, sempre a partir dos seus valores e convicções. As dimensões da Música e do sagrado possuem um grande mistério a ser contemplado pelo ser humano. E, no tempo em que ele vive uma mudança radical, uma

⁵⁴ Anotações do *Symposium on Music Therapy and Spirituality in Health care: International and Multicultural Theories and Approaches*. XII Congresso Mundial de Musicoterapia, Buenos Ayres, Argentina, (2008).

transformação, é essencial experimentar a música como veículo que transporta os sentidos da vida que a certeza da iminente finitude impõe.

Mas, como administrar esses conteúdos poderosos para o bem do paciente? Como transformar os momentos finais da existência humana em um tempo fecundo, profundamente humanizado e essencialmente valorizado? Muitas propostas de intervenção podem ser elaboradas e descritas, mas não é isso que objetivamos aqui oferecer. Desejamos refletir a ação da musicoterapia e da espiritualidade no paciente que está vivendo a experiência-limite de sua vida.

Observemos como referência o que diz Lucanne MAGILL (2002)⁵⁵ em sua ilustração sobre o poder da música no processo musicoterápico. Sua experiência demonstra que os pacientes na situação de iminência da morte, com frequência trazem quatro temas recorrentes: os *relacionamentos*,⁵⁶ as *recordações*,⁵⁷ a *oração*⁵⁸ e o sentimento de *paz*⁵⁹. Isso demonstra *o poder da música para construir relações, realçar lembranças, ser uma voz à oração e promover o sentimento de paz*. (idem).⁶⁰ MAGILL enfatiza que musicoterapia associada a espiritualidade é o coração do trabalho musicoterápico, pois

⁵⁵ Music Therapy in Spirituality, Disponível em: <http://www.musictherapyworld.de/modules/mmmagazine/issues/20021205144406/20021205145915/Magill.pdf>, acesso em 17/12/2009

⁵⁶ *Pacientes e familiares que estão se sentindo ameaçados pela doença ou estão no fim da vida, frequentemente sentem-se excluídas de si mesmas e do contato com os outros. A auto-identidade pode ser ameaçada, podendo ficar depressivos, retraídos, isolados ou separados por algum tempo ou por longos períodos. A música vai além das palavras e do toque corporal, constrói pontes de comunicação e ajuda as pessoas a voltarem ao contato consigo mesmo e com os outros* (Magill 2002). Tradução livre do Inglês.

⁵⁷ *Durante o tempo de dor e de perda, as pessoas são conduzidas, frequentemente, a relembrar os tempos de conforto, segurança, previsibilidade, ou mesmo das dificuldades. Há uma tendência natural de fazer uma revisão da vida. Como sabemos, a ligação entre a música e a memória é forte e fortalece este processo*. (Magill 2002). Tradução livre do Inglês.

⁵⁸ *Os pacientes e os membros da família frequentemente têm uma necessidade de se deterem na angústia, na dor ou na amargura. Entendo a oração no sentido mais amplo da palavra, esteja ou não num contexto religioso, é uma chamada a ir aos lugares mais profundos do coração, da mente e do espírito. Às vezes a necessidade de se expressar é suprimida, mas a música a alcança e torna-se uma voz de expressão*. (Magill 2002). Tradução livre do Inglês.

⁵⁹ *Pacientes frequentemente desejam conforto, o alívio da dor, a paz de espírito, o consolo nas interrupções, incertezas e na falta de controle. Como Michael Mayne explicou belissimamente, a música pode acalmar e trazer senso de equilíbrio e de ordem*. (Magill 2002). Tradução livre do Inglês.

⁶⁰ *In four themes in music therapy, we see the power of music to build relationship, enhance remembrance, be a voice to prayer and instill peace*. (Magill 2002, do original em Inglês).

Tudo o que nós fazemos vai além das palavras e isto é verdade por que é através da natureza transcendental da música que importantes curas podem ocorrer na musicoterapia (Idem).⁶¹

A musicoterapia ajuda a encontrar o equilíbrio no momento em que a pessoa sente que chegou o final de sua vida (MAGILL 2008)⁶². As dores, as perdas, as incertezas, as dúvidas, o medo... tudo isso é parte do caos que a surpresa da morte provoca. O paciente sente que é chagado o momento de avaliar o seu passado.

A Musicoterapia é um instrumento muito eficaz para ajudar o paciente a enfrentar esse momento de revisão de vida e mostrar que o sofrimento pode ser uma experiência de aprendizagem (Idem FACHNER).

Tomemos como referência pacientes terminais com habilidade de fala, canto e expressão normal do pensamento. As músicas e sons a serem oferecidas ou trabalhadas no processo terapêutico devem obedecer às circunstâncias. O primeiro passo é ajudar o paciente a desligar-se das dores, sentimentos e emoções negativos. Para isso, é aconselhável a aplicação de audição musical com obras orquestradas que promovam tranquilidade e paz de espírito. A improvisação musical ou o canto podem também ajudar nesse momento, fazendo o paciente interagir através de improvisação ou composição.

A espiritualidade sempre está conectada à música, pois ela tem a capacidade de elevar o estado de ânimo do ouvinte.

A música chega diretamente ao coração e abre as cortinas que cobrem as emoções. Ao tocar o coração da pessoa, a música alcança o seu lugar principal e mais verdadeiro que está sofrendo. Música e espiritualidade agem juntas e dão um significado ao endereço existencial da pessoa que sofre (Idem FACHNER).

É importante que as músicas que fazem parte do *setting musicoterápico* sejam de cunho religioso e tratem de questões relacionadas aos sentimentos do paciente, de forma que ele possa desligar sua atenção das dores, sentimentos e emoções negativos e possa “viajar” por outras paisagens através da música e dos sons. Nesse sentido, *a música ajuda a conectar a pessoa ao infinito* (Idem FACHNER).

⁶¹ Tradução livre do Inglês: *Today, I would like to reflect with you on what I believe is really the heart of what we do, music therapy in spirituality. So much of what we do is beyond words and it is really because of this transcendental nature of music that important healing in music therapy can and does occur.*

⁶² Anotações do colóquio sobre *Musicoterapia para cuidados no fim da vida: experiência de colaboração da Universidade e da comunidade*. XII Congresso Mundial de Musicoterapia, Buenos Ayres, Argentina, (2008).

Aos poucos, de acordo com o processo, a música deve mudar a direção desse vôo para que ele entre em contato com os conteúdos da sua vida e vá harmonizando seu passado, resolvendo e pacificando o que está desagregado, como: a relação com a família, com amigos, com as coisas, suas perdas, medos e frustrações.

Na audição ou na composição musical, o paciente deve expressar seus desejos, sonhos e esperanças em relação a família e ao que entende como pós-morte. Melodias que tenham uma estrutura harmônica ascendente tendem a elevar o espírito e encorajar para o enfrentamento das situações adversas. Em geral, músicas do tipo negro-spiritual possuem essa estruturação melódica. Por isso, emocionam e imprimem um caráter forte que dá energia e expressa força interior, resistência, esperança, fé alegria e gratidão. São sentimentos e qualidades que um paciente terminal deseja obter para vencer o sofrimento.

Devemos enfatizar que a eficácia deste processo musicoterápico também dependerá do espaço disponível como *setting*, tudo o que nele é expresso e vivenciado na musicoterapia é sagrado. A informação da morte iminente produz nas pessoas um certo mistério que remete ao sagrado. E isso deve ser respeitado. As experiências musicais que acontecem, o som e silêncio, canto e a música, surgem

como uma cerimônia compartilhada, adquire uma entidade de discurso singular, diferente, especial, distante do homogêneo, do cotidiano, do amorfo. A expressão sonora como ato de hierofania: (...) ato de manifestação do sagrado (LANGAN 2008, p. 114).

Portanto, é imprescindível que haja um esforço para que o lugar em que acontecem as experiências sonoras seja transformado em lugar sagrado. Aquilo que se transforma em sagrado, é extensão do ser de quem dele participa. O respeito, o cuidado e reverência a esse “lugar” garantirá que tudo será transformado, pois ele é como um espelho daqueles que ali se movimentam com o objetivo de se transformar. A música, por si só já é um elemento “sacralizador” do ambiente que pode ir elevando e transformando os sentimentos e emoções do paciente e de seus familiares e cuidadores.

CONCLUSÃO

A música pode ser utilizada como caminho para ajudar na transformação da pessoa que está prestes a “viajar”, ressignificando a história pessoal, encontrando novo sentido para a vida, harmonizando seus sentimentos e emoções. Aliada a espiritualidade, há uma ampliação do campo pessoal a ser fecundado pelo movimento terapêutico. De uma forma não invasiva, a arte musical, conquista as experiências sonoras para dar mais vida ao paciente. Sem isso, ele fará um caminho sinuoso, desumano e doloroso. Na verdade, quando vemos o outro morrer, estamos também com ele morrendo, e não desejamos que o mesmo aconteça conosco. Como é impossível não morrer, é mister que enfrentemos a realidade da morte, sendo conduzidos pela música e guiados pela espiritualidade.

Enfim, música e espiritualidade podem ser considerados a redenção para o ser humano que está vivendo os seus momentos finais de vida. Essa “parceria” não objetiva curar e libertar o indivíduo de suas patologias, mas quer ajudá-lo e encaminhá-lo de forma harmônica para a viagem que fará rumo ao sagrado mistério da vida, onde ninguém em vida conhece; fazer-se presente e solidarizar-se em suas dores, valorando aquele momento sagrado e misterioso; oferecer caminhos musicais que abram novos horizontes para enxergar a vida com amplidão e dinamicidade, como o movimento orquestral, vivo, belo e fecundo. Inevitavelmente, Musicoterapia e Espiritualidade em cuidados paliativos remetemo-nos ao campo religioso para afirmar: a música é a ponte que facilita e encaminha a passagem deste mundo empírico para uma realidade em que não há sofrimento, dor, tristeza, angústia, violência, “nadição” ou menos vida.

A Música nos acompanha desde o útero materno, passando pela vida, para se intensificar no “lugar” em que habitaremos quando findar nossa existência. O ser humano passa a vida ensaiando conhecendo e transformando sua identidade sonora; o ensaio da orquestra da existência humana sempre desafina e, chegando o momento de sair para o grande

concerto, não sabemos como será a experiência. Sabemos apenas que haverá um grande concerto após a “passagem” (morte), e ele será completo, a harmonia prazerosa será intensa, mobilizando o amor, os encontros, a humanização.

Entretanto, diante desse mistério, quem não treme? Quem nunca ficou apreensivo antes de entrar num palco para cantar ou tocar? Porém, quando no momento da entrada, o Homem acredita que tudo acontecerá positivamente, o concerto terá grande êxito, embora ele não dependa exclusivamente do ser humano, mas do *sopro de vida que movimenta, cria, dá força e energia, anima o homem*; do *hálito divino* que sopra e vivifica o cosmo, que enriquece, fecunda e aquece; do mistério que *organiza o caos*, e, como um habilidoso artista, cria os seres e os modela com sua mãos. A música é a força capaz de conduzir um sopro vivificante (espiritual) que torna os Homens úmidos de harmonia para serem modelados em instrumentos que continuem harmonizando a vida.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *Variações sobre a Vida e a Morte*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BARANOW, Ana Léa van. *Musicoterapia: uma visão geral*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BENENZON, Rolando O. *Teoria da Musicoterapia. Contribuição ao Conhecimento não-verbal*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. École Biblique de Jérusalem. São Paulo: Paulinas, 1980.

BLANK, Renold J. *A Morte em Questão*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Esperança que Vence o Medo*. São Paulo: Paulinas, 1995.

BRANDALISE, André. *Musicoterapia Musico-centrada*. Coleção Música em Musicoterapia. São Paulo: Apontamentos, 2001.

BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

_____. Kenneth. *Sessenta e quatro técnicas em musicoterapia improvisacional*. Quadro XXXVII. Trad. Lia Rejane Mendes Barcellos. **Improvisational Models of Music Therapy**. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, 1987.

BUBER, Martin. *Eu e Tu..* Tradução e introdução de Newton Aquiles Von Zuben. 5ª Ed. São Paulo: Centauro, 2001.

SCHOPENHAUER, Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultura, 1974.

COSTA, Clarice Moura. *O Despertar para o Outro: Musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1989.

COURY, Soraya Terra. *Musicoterapia na Unidade de Cuidados Paliativos do Hospital de Apoio de Brasília..* 2008. 71 f. Dissertação do Programa de Pós-Graduação. Escola Superior de Ciências da Saúde. Brasília. 2008.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método II: complemento e índice. Tradução de Ênio Paulo Giachini; revisão de tradução de Márcia Sá Calvacante. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.

KIERKEGAARD, Soren. *Concluding Unscientific Post-script*. Princeton University Press: Princeton, 1968.

LANGAN, Gustavo. *Território. El Espacio en Musicoterapia como espacio sagrado*. In: "A Voces: Intertextos en Musicoterapia. Compilado por Gabriela Paterlini e Ximena Perea. Buenos Ayres: Universidad Abierta Interamericana, 2008.

LEINIG, Clotilde Espinola. *Tratado de Musicoterapia*. São Paulo: Sobral Editora, 1977.

MAGALHÃES, Natália Elisa. *Quando Musicoterapia e Espiritualidade Caminham Juntas*. In; Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. Curitiba: Griffin, 2009.

MARANHÃO, Ana Léa Vieira. *Acontecimentos Sonoros em Musicoterapia*. São Paulo: Apontamentos, 2000.

ROUSSEAU. *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*. Col. Os Pensadores, p. 162-205, Porto Alegre, Editora Globo, 1973.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *O Pequeno Príncipe*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

SWANWICK, Keith: *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo: Editora Moderna, 2007.

DICIONÁRIOS

BORN, A. Van Den. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Lisboa, Porto: Vozes, 1977.

DICIONÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA. Petrópolis: Vozes, 1972.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Nicola Abbagnano. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS SO CRISTIANISMO. Dirigido por Cassiano Florestán Samanes e Juan-José Tamayo-Acosta, São Paulo: Paulus, 1993.

FERREIRA, Mini-aurélio século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

ENCICLOPEDIA BASRA

INTERNET

LEÃO, Eliseth Ribeiro. *Reflexões Sobre Música, Saúde e Espiritualidade*. Disponível em: http://www.scamilo.edu.br/pdf/mundo_saude/53/17_Reflexoes.pdf

MAGILL, Lucanne. *Music Therapy in Spirituality*. Disponível em: <http://www.musictherapyworld.de/modules/mmmagazine/issues/20021205144406/20021205145915/Magill.pdf> . Acesso em 17/12/2009

SUSAKI TT, Silva MJP, Possari JF. *Identificação das Fases do Processo de Morrer pelos Profissionais de Enfermagem*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n2/a04v19n2.pdf> Acessado em 04/12/2009.

<http://letras.terra.com.br/regis-danese/1401252/>

FICHA CATALOGRÁFICA

T693m

Torres, José de Lima

Musicoterapia e espiritualidade em cuidados paliativos / José de Lima Torres

---Olinda: Faculdade de Ciências Humanas de Olinda; FACHO, 2009.

41p.

Orientadora: Marly Chagas de Oliveira Pinto

1. Musicoterapia 2. Espiritualidade 3. Cuidados Paliativos

CDD: 615.837 - Musicoterapia